

■ Artistas do Brasil, França e Japão discutem mudança de atitude numa época em que predomina o aquecimento global

Hoje, às 20h, será inaugurada a exposição "Casa-D 01", na Casa Experimental de Arte, localizada na Rua Leonel Coelho 155, Jardim Brisamar (entre o antigo Dede e o Grupamento de Engenharia), com a participação dos artistas Célia Araújo, Sidney Azevedo, Zéu Borges, Guylaine Collet, Dyógenes Chaves, Serge Huot, Tarciana Kaline, Izabella Rocha e Koki Watanabe.

A exposição, que tem o apoio da Prefeitura de Marselha e da Agência Vacances Bleues, é o resultado da experiência coletiva vivida por estes artistas plásticos, de diferentes procedências (Brasil, França e Japão), durante o Workshop Casa Diamantina (www.casa-diamantina.com), entre 28 de julho e 5 de agosto, no Parque Nacional da Chapada Diamantina, Estado da Bahia, a cerca de 450 km de Salvador. Esta cadeia montanhosa esconde imensas riquezas naturais: rios, cascatas e grutas rodeadas de uma vegetação diversificada que vai da Mata Atlântica à Caatinga passando por pastos, vales profundos e picos rochosos de formas misteriosas. Nesta natureza, cujo aspecto selvagem

de ecoturismo começou desde uns quinze anos. Muitas pousadas passaram a serem disputadas por amantes de natureza selvagem, de trilhas e passeios, de silêncio e meditação. Além disso, algumas comunidades espirituais escolheram instalar-se neste espaço onde as forças telúricas, facilmente, nos remetem ao sentido mais sagrado da Terra Mãe. Caeté-Açu situa-se no Vale do Capão, lugar bem conhecido dos antropólogos pelas numerosas pinturas rupestres que ornamentam suas cavernas. Uma das mais surpreendentes quedas d'água do mundo, a segunda pela sua altura (380m), a cachoeira da Fumaça, localiza-se a poucos minutos do lugar onde os artistas se reuniram. As cidades de Palmeiras e Lençóis, a menos de meia hora de Caeté-Açu, são famosas pela beleza de sua arquitetura colonial portuguesa e foram, no passado, terra dos diamantes e das plantações de café.

O projeto, que nasceu do encontro entre os artistas Guylaine Collet, Sidney Azevedo e Koki Watanabe, propõe uma reflexão e sensibilização através da ação artística para a diversidade do desenvolvimento sustentável do nosso ambiente. Durante o encontro, os artistas vivenciaram o lugar de trabalho (e de troca) através das suas próprias criações, e como primeiro lugar de exposição. Após a sessão de trabalho no meio natural, participaram de um autêntico piquenique. Para os artistas, esta atitude tão simples (a divisão da refeição) é uma ação humana fundamental e universal qualquer que seja a sociedade. Aproveitar o tempo, o espaço da natureza já é um pre-



Dyógenes Chaves,
Sidney Azevedo e
Koki Watanabe

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Novos rumos da arte em tempos de globalização

▼ O projeto, que nasceu do encontro entre os artistas Guylaine Collet, Sidney Azevedo e Koki Watanabe, propõe uma reflexão e sensibilização através da ação artística para a diversidade

texto para apreciar um momento de comunhão com pessoas conhecidas ou desconhecidas. O piquenique após o trabalho, como símbolo do workshop, é uma refeição rápida, familiar e amigável que, ao mesmo tempo, permite perceber a indispensável presença da natureza.

Segundo o artista japonês Koki Watanabe, da Associação Pachamama - l'art de la Terre, a vivência dos artistas neste ambiente "é uma ação experimental que instala um espaço e um tempo específico de comunhão por meio do 'deslocamento do espírito natural', ou 'naturalismo, num ambiente intelectual (realismo)'. Os artistas não só vivenciaram a produção de "obras de arte" (fotografias, instalações, objetos, escultura, vídeo) ou a divisão da comida (piquenique), mas



Piquenique na Chapada Diamantina: artistas de todo o mundo em contato com a natureza

a lembrança do "Manifesto do Rio Negro", redigido em plena floresta amazônica por Pierre Restany (1930-2003), o crítico de arte mais importante do pós-guerra na França.

Entre julho e agosto de 1978, ao lado dos artistas Sepp Baendereck e Frans Krajcberg, Restany subiu o Rio Negro, principal afluente do Amazonas, de Manaus à fronteira da Colômbia e Venezuela. Esta experiência lhe provocou um choque emocional profundo levando-o a questionar-se sobre o sentido moderno da natureza. O manifesto refere-se a um naturalismo integral e pretendeu, ao mesmo tempo, resposta objetiva, sintética e global sobre questões como a existência e a função da arte hoje, e uma redefinição da relação natureza-

cultura. No manifesto, Restany afirma que a Amazônia é hoje, no nosso planeta, o "último reservatório", refúgio da natureza integral. E como um profeta, vaticina: "Um contexto tão excepcional como o do Amazonas suscita a idéia de um retorno à natureza original. A natureza original deve ser exaltada como uma higiene da percepção e um oxigênio mental: um naturalismo integral, gigantesco catalisador e acelerador das nossas faculdades de sentir, pensar e agir."

Por tudo isso os artistas estão convidando para não só ver/sentir a exposição, mas, principalmente, falar de coisas singelas e caras aos nossos dias: a natureza, a arte, o piquenique.

EDITORAÇÃO: JÉSSICA DAMASCENO